

**O
VENTO
DE AGOSTO
NO PÉ
DE
IPÊ
escritos
do
sertão**

Carlos Rodrigues Brandão

*O que é que diz o vento
no farfal das folhas?*

João Guimarães Rosa
Grande Sertão: Veredas 237

*É ainda agosto
e vai ser setembro.
O cerrado é seco
e o ar é quente
e anda longe
o tempo de chover.
O vento vem e venta.
Mas quem vê o vento
a não ser pelo dançar das flores
que o vento toca e faz mover?*

Este livro é para o Gil, em Goiás

A quem leia este livro

Alguns poemas deste livro são originais. Esta é a sua primeira publicação. Estavam até agora dispersos entre páginas antes em branco de algum caderno de viagem, ou em folhas soltas e outros papéis acostumados a acolherem em silêncio palavras e poesias.

Outros são novas versões de antigos poemas. Alguns foram apenas retomados e em pouca coisa refazer. Retalhos de roupa nova sobre um pano ou um mesmo corpo. Outros foram bem mais reescritos. Mesmo quem acredita que um poema uma vez escrito nunca mais deve ser tocado, de vez em quando cai na tentação de aprimorar com um olhar algo mais maduro o que escreveu tempos antes, quando a vida, o mundo e a poesia talvez fossem mais verdes e mais felizes.

Se é que a poesia tem, em conjunto, algum “tema”, um mesmo tema, ou um mesmo cenário e suas cenas, dão unidade a estes escritos de e entre tempos diversos e de vivências e afetos ora próximos, ora diferentes. Todos são poemas postos no papel em algum lugar dos “sertões de dentro”, entre Goiás e Minas Gerais. Ou então são poemas que mesmo quando escritos longe de “lá”, tomam aqueles lugares, seus tempos, seus seres da natureza e suas gentes, como algo ou alguém de quem dizer alguma coisa por através da poesia.

Alguns originais poderão ser encontrados em *Diário de Campo – a antropologia como alegoria*, em *O Dia de Sempre*, em *Os Nomes – escritos sobre o outro*, e em *Orar com o Corpo – preceitos e preces para os gestos da horas do dia*.

Certa vez quando eu conversava com Cora Coralina em sua casa, na beira do rio Vermelho, ela me segredou: “eu não sou poeta, sou doceira”. Conversávamos na cozinha da casa e ela me disse isso colocando um a um os seus doces suavemente cristalizados em pequenas caixas de papelão. Falava com orgulho de seus doces, e não de seus poemas, num tempo em que ainda era pouco conhecida para além do rio Meia Ponte e do rio Paranaíba. O último poema deste livro, dedicado a ela, relembra esta carinhosa confidência.

Não sei se seria devido, mas às vezes penso dizer a quem me leia algo semelhante: “não sou poeta, sou professor”. Ou: “não sou poeta, sou antropólogo”. Tanto isto é uma meia verdade que cheguei à casa de Coralina em minha pesquisa de campo na Cidade de Goiás. Digo isto porque não será difícil entrever na maior parte dos poemas um afã de dizer com a palavra do poema o que em outros escritos eu disse com os conceitos da ciência.

*Luziânia, antiga Santa Luzia
Outono de 2005.*

vôos a oeste

No tempo em que as coisas eram feitas para o homem
os aviões voavam baixo e do alto se avistava a olho nu
a repartição dos reinos dos seres do mundo:
as matas que cercaram o homem milhões de eras
e eram agora cercadas por ele e suas crias
com sinais e marcas de territórios de conquista.

Aquele foi um tempo em que o homem e a terra
estavam sempre em luta e se amavam muito.
Muitos anos mais tarde, quando os aviões a oeste
voavam roçando o topo dos morros
era possível vislumbrar da janela
os estragos do amor e os afagos da guerra
que entre um e a outra sempre houve.

Pelo vão das nuvens, em vôo de vizinhos
havia então sobre aqueles terrenos de alqueires de batalhas
frutos de amor secando ao sol do mês de maio.

Num vôo a Goiânia

do alto sobre o cerrado

Há um duplo tapete de artesão
estendido ao vagar dos olhos
de quem viaja ao pôr-do-sol
sobre o cerrado em setembro.

O avião voa acima do cinza
do bordado de linha feito a mão
que o horizonte do sertão costura
e a tarde colore entre mel e azul.

Uma colcha de ruas e avenidas
que o mago das seis horas traça
a lápis, retoca e depois tinge
com o pincel rebelde do arco-íris.

Do branco de noivado ao verde-sonho,
e do verde ao roxo escuro da quaresma,
esse pintor da tarde tece a tela
que do avião se avista da janela.

No chão da terra o olhar atento
vê o tapete dos barros dos gerais
que as chuvas de dezembro repintaram
na paisagem que junho deixou ocre.

Entre montes pequenos e outros montes
há por toda a parte ali sinais dos homens:
campos de pastos e planuras de plantio
que a altura do vôo torna sonhos.

Ali é uma arte humana quem colore
a tela dos alqueires do planalto:
o havana escuro da fina geometria
da escrita do arado sobre a terra

sob o molhar da chuva e do sereno
que em tudo desvenda um tom mais denso:
do verde escuro do milho quando adulto,
ao amarelo-palha do seco fim da safra

e dessa cor que cobre o rosto do cerrado
entre as águas do quase fim de março
antes que ao campo dissolva o alaranjado
do fogo das coivaras e de seus ventos.

A tudo a seu tempo o viajante assiste
de um voo à tarde sobre o reino do homem
e seu costume ancestral, estranho e artista
de plantar e pintar tudo o que existe.

*Num voo entre Minas e Goiás
5 de agosto de 1980*

a igreja no monte

Do alto do morro a igreja veleja Luziânia.
Sentinela desarmada no meio da noite do Planalto
a capela dos negros do Rosário abençoa a cidade.
Escoltada pela sombra esguia de três coqueiros
Ela acende a cada noite a memória do Arraial de Santa Luzia.
Ontem, que caminhos foram os de bandeirantes e viajeiros
de arma em punho, que a cidade ainda espera
no poço fundo dos guardados de arca e cofre?
Perdidos rumos, riscos de chegar a que e quando.

Do primeiro morro, do primeiro sono
dos ermos recantos da noite a cidade revive
banzos e cantos de esquinas dos negros nessas terras verdes
dadas ao pequi, ao milho e ao cristal de rocha.
Pouco mais que nada, ouro que uma brisa da manhã
carrega em agosto e perde entre atalhos do cerrado.
Por isso a cidade-caminho foi posto e pasto de passagem
da romaria dos viajantes sem fim das tropas dos gerais,
passantes com os olhos num ponto sempre além de Luziânia:
tropas, tropéus, bois e boiadas traçando as trilhas de Santa Luzia.
O que a igreja avista do alto do seu monte
são campos de mortos, cemitérios do sertão. Ermos
onde o tempo rói com igual fome o pó de brancos e de escravos.
O que a cidade vê com os olhos de vigia desde a torre da igreja
é a sobra de ontem, o mofo da estrada dos caminhos palmeados,
traços entre riachos, poeira de mapas e rostos roídos
e os riscos do acaso sobrados da memória,
restos de estórias perdidas dos ocos do planalto.

Luziânia, antiga Santa Luzia
9 de julho de 1976

o alto sobre

Viajo sobre a pele de uma lavoura de algodão
entreaderto em flores brancas e amarelas.
semeadura que os anos todos desde os começos do homem
o alfaiate que tece os roteiros do mundo
alinhava com lã de nuvens nas varandas do céu.
Lá em baixo o papel da neblina é tão igual
que parece haver sido impresso a mão.
O lado onde o sol descansa desenhou um risco
interminável do laranja-da-pele ao amarelo-do-verão
e eu nunca vira antes uma linha tão fina
na roupa de domingo do horizonte.
Por cima do liso das nuvens o crepúsculo
não é tão desmesurado como os de agosto em Goiás,
e depois dos dias e noites quentes de lá
não é tão aceso nem tem o mesmo ar humano.
Mas, raro e efêmero, é um fino fio de luz
que de uma ponta à outra do firmamento
borda no pano o tecelão do céu:
um fio de linho que aos poucos
passa do branco ao branco escuro
e do escuro que há no branco ao negro
que é a mais suave e serena cor da noite.

voando entre Goiás e Minas

aqui, onde o sertão começa

Aqui, neste lugar chamado cerrado
existe o sertão, onde o sem-fim espia o próprio aço
e afia o corte que não sabe onde termina.
Aqui é onde as cores de mil e um pássaros
roçam com as mãos de leve o mapa de Minas,
o território verde-marinho de entre monte e monte
onde qualquer caminho inicia onde ele acaba,
porque aqui de recanto algum se parte
e a parte alguma se chega após andar e andar
entre ermos nomes sem rumo como em Goiás à noite.
Noite de estrelas vagas e sem horas certas.
Noite sem nortes, sem alma e sem fronteiras.

sertão, sertões

Aqui é um lugar avulso
que ainda não foi feito,
por isso alguma coisa sempre
continua acontecendo
mesmo quando é meio-dia
o sol é quente e incendeia
almas do mundo e das gentes.
Mesmo quando é mais tarde o dia
e a vida de quem voa
parece parada no ar.

Aqui é um canto esconso
da esquina do estranho.
Um rumo não trilhado ainda
e aonde o que veio existir de vivo:
o corpo da terra, o mato, os bichos
e as pessoas, existe devagar.

*Santo Antônio dos Olhos D'água
17 de janeiro de 1980*

alguns fogos, algumas roças

Quando amonta na mula amansada do vento
e viaja serra acima, do sopé à cumeeira
o fio da coivara é uma linha fina
de um tecido de algodão laranja
que a brisa mansa do sudeste tece
e a palha seca do cerrado empina.

Um fino fio carmim de fogo ralo
noite após noite costurando a colcha
de um arvoredado seco e ressecado
que cobre encostas de serra e pedra
por onde sobe a custo o fogo do alfaiate.

O oposto dele é o fogo de armadilhas
que apronta o guerrilheiro seu irmão
quando desce a serra entre matas e grotas
e contra a espada dos capins do pasto
aponta e atira facas de aço em brasa.

Cavaleiro que a onda de si mesmo
à noite monta e na manhã cavalga ao vento,
fogo-potro bravio a galope em disparada
contra o verde e o seco do cerrado.
Guerreiro irado com a sua foice erguida
cortando a fogo os fios do mato vivo.

*São José de Mossâmedes
28 de dezembro de 1981*

longe, aqui

Longe. Longe?
O que é longe? Onde é o longe?
Aqui é longe e um sol de outono
na fumaça do canavial incendiado
vem olhar o seu rosto noutro rosto.
E no lugar onde eles se encontram:
o fogo do céu e o da terra
Ali eles se dizem um ao outro:
aqui é onde.

assim, quando escurece

E então agora é quando a tarde acaba
e quando o azul escuro desenha no céu
o linha do rosto distante das estrelas
com quem se orientavam antes os vaqueiros
e, hoje, os perdidos e os poetas.
Então é quando. E eu te dizia ao desamparo
que esta é a hora sem flores e ruínas
quando no sertão todo o dia o dia
e todo o dia renasce na minha alma
algo que sem outro nome, chamo: dia.

as flores aprendem com as pessoas

O ouro vivo dos ipês de agosto
amanhece os matos de Mossâmedes.
No trilho dos remansos da manhã
a água fria do cristal dos córregos
desceu a serra e fez descer em fila
as flores que branqueiam os pequizeiros.
Outros ipês do mato mais adiante
pintam de roxo o piso do arvoredo.

Sob os troncos cerzidos no cerrado
há tapetes estendidos com as seis cores
que a natureza aprendeu a entretecer
espiando das janelas os teares
das casas das mulheres-fiandeiras.
Quintais onde se fia tinge e tece
o tecido sem-fio dos fios alados
que a cultura dos “sem-letra”
fia e borda, escreve e depois assina.

Nessas roças de fazendas entre matos
a natureza fia o que cultura tece
e a memória das duas não esquece.
De modo que entre campos e povoados
há coberturas de copas e de colchas:
flores de panos que as pessoas fazem
e as plantas da floresta vêm e imitam,
sob um claro de coivaras pelas serras
entre o sol do dia e o luar de agosto.

*São José de Mossâmedes
29 de dezembro de 1982*

três lições mineiras*de Minas*

De Minas virá
o verdor do vasto,
do pasto que em Minas
é verde e amanhece.
E amanhece em Minas
cada vez que a chuva
visita novembro.

Cada vez que a noite
arvora o sereno
que o vento de Minas
orvalha nos fundos
dos cantos da sina
de gentes e bichos.

De minas virá
o sabor da terra
e do vento que em Minas
convive com a mina
de ouro da orquestra
de vales e vilas.
Convive, comparte
e se afina em Minas
até o tom fino
de uma escala acima
onde o vento inventa
como o trem e o povo:
caminhos. Caminhos.

em Minas

O que é de memória
em Minas tinha
guardado pelos potes e em moringas
do barro fino que o tempo-oleiro
misturava com água na gamela
modelava na banca do quintal
e queimava no forno da cozinha.

O que é de lembrar
por Minas ia pelas eiras.
por beiras, ocos e caminhos
do traçado que a tropa viajeira
tricotava entre vales e vielas,
entre serras, sereno, noite adentro
e entre as vilas que pela via havia.

O que é de saudade
havia em Minas
desenhado nos panos. Nos bordados
do tecido que a vida-tecedeira
fiava no claro da janela
costurava com fio de roca velha
e cerzia na mão de três meninas.

com Minas

Com Minas se aprende
um saber matreiro:
carregar no bolso
um toco de tudo.
Se aprende com Minas
a dizer o mundo:
pensar *trem pra coisa*
e *uai pra susto*.

Com Minas se aprende
o saber do avulso:
espreitar a vida
de “cocra”, na curva.
Se aprende com Minas
de graça, sem custo
que a vida que passa
não passa nem assusta.

Com Minas se sabe:
tudo vive, tudo volta
e com a chuva que cai
o que seca renasce.
Renasce e relembra
(todo ano, toda a vida)
que dezembro repõe
até março, até junho
o verde que a seca
secou após julho.

Congonhas do Campo
27 de junho de 1982

de um trem mineiro

Só um trem velejando noite adentro
e entrecortando a manhã das estações
divide a noite e a alma do mundo
em pedaços medidos meio a meio
entre os trilhos e a tropa dos vagões.

Só em rumos de trem vereda afora,
viajantes do mar até o sertão,
há vidraças abertas e há vigias
dos mistérios do vento até as virtudes
de viajar entre o rio e o coração.

A moldura do trem aberta invade
as pautas do ponteio dos Gerais.
As aves piam, o trem escuta, um sol se esconde.
Há uma curva depois de cada curva
e outra curva depois de cada ponte
e a noite é o que o trem inventa dela
e xilografa no quadro da janela.

Há um pouco de trem em cada coisa
que o viajante avista na vidraça.
As imagens de há pouco são o que resta
do que o trem risca e rabisca sob e sobre
os alqueires do céu de cada terra
por onde passam o trem e a sua festa.

*entre Campinas e Uberlândia
depois do Rio Grande*

Muros sem nome, nos campos

Esses muros de pedra
levantaram da terra
mãos escuras da noite
mais fiéis do que limpas
mais escravas que livres,
e que a noite agasalha
e os anos preservam
suspensos pelo campo.

Travessia de tempos
arrancados do chão
do cerrado em junho,
esses muros em linha
sobre quadros de cal
são cenários que os turistas
olham e de nada sabem
de quem foi e quem fez.
Paisagens que a noite
classifica em estantes
(esquecidas da história)
de lojas de antiquários.

Mas no campo, esquecido
O muro é sem nome
e não tem, como igrejas
ou capelas de roça
um autor, um então
que se possa estudar
no museu da cidade.

Esses muros não guardam
entre as ruas dos pastos
mais que um certo saber
(o saber a que servem)
de uma linha que marca
quando feita, com sangue,
o limite, a divisa,
o domínio e o despojo.
Sinais, como marcos
que os donos das terras
comandavam mandar
seus escravos riscarem
seus iguais respeitarem
e os seus deuses saberem.

beiras do Rio Vermelho

Um bando de pombas-rolas e anus-brancos assustados
voou de uma margem à outra do rio Vermelho
na curva onde depois de passear pela cidade
o rio volteia uma última vez antes de sair.
Fugindo do tremor de meus passos na terra
as aves deixaram por alguns momentos
a sombra onde se cobrem às onze horas da manhã
e outra vez colocaram o poço da curva do rio
entre o domínio da natureza e o da cultura.

Do outro lado havia um bando de bois e burros
em estado de graça, mastigando um verdor
de pastos de dezembro em ano “bom de água”.
Do lado de cá um longe de meninos pretos pescava
Entre ocos do rio que os pais de seus avós
cavaram com aços e punhos sobre pedras de sol.
Havia velhas lavadeiras de beira de poço que o turista
procura prender em fotos de domingo.
Mulheres magras que na cabeça equilibram sem pressa
“malas” de roupas, trouxas e “amarríos”
dos “serviços” antigos dos pobres do lugar.
Vinhavam em filas de silêncio pelo fio das trilhas
que o passar do tempo rabisca no espaço
entre as últimas ruas e as praias do rio.

Elas passam pelo pasto onde o sol de Goiás
e as flores do cerrado abrem todo o ouro
que sobrou há cem anos, desde quando se conta
que um bando de paulistas iludiu com artimanhas
os filhos dos sábios dos índios do lugar.
Onde houve outrora senhores e escravos
as lavadeiras de “cocra” na beira do rio
lavam e quaram séculos de roupa suja.
A nudez dos meninos das eiras de fome da cidade
atesta a todos que afinal se habita um tempo de paz
de uma gente esquecida de “bandeiras” e “senhores”
que recria na praia, com gestos de terça-feira,
uma história antiga que houve muitas vezes
antes de tudo aquilo acontecer.

Vila Boa de Goiás
14 de fevereiro de 1982

viver do ouro, viver de sobras

Faz um rosário de anos e mais anos
desde quando o ouro das areias que escorriam
entre as águas quentes desses regatos acabou.
Como a mesma areia entre os dedos do menino
findou de uma vez o ouro-em-pó que por um século
trouxe a rara riqueza e casos de desgraça
a casas de adobe que ficaram velhas
do outro lado da face oeste da Serra Dourada.
Perdidos entre os sem-volta dos caminhos
que um dia trouxeram da costa querosene, sal e escravos,
os ricos e pobres do lugar fugiram da vila
ou migraram com tropas de mulas e tralhas
para povoados do norte. Lugares mornos
onde rios mansos de águas lamacentas
ao contrário desses arroios cristalinos
têm um sujo bom de lama que a cada ano renova
o chão onde o arroz cacheia o ouro dos grãos.
Migraram para ermos cantos escondidos
onde se diz que “boi vira brabeza”:
grotas e vãos, buracos dos baixios de serra.
Com as sobras do ouro que possuíram
os coronéis do lugar compraram alqueires
de onde hoje os filhos e netos expulsam
os filhos dos filhos dos peões meeiros,
a descendência do camponês do passado
a que os mitos dos pais dos avós
disseram que depois do fim do tempo do ouro
reinou por ali por muitos anos, a idade do ouro.
Um tempo esquecido nas sagras dos velhos
quando todos plantavam por direitos de posse e uso
e mesmo os pobres do mundo lavravam sem tributos
as terras dos outros e de todos.

Um tempo antigo que a lembrança da roça
não quer esquecer. Um outro tempo, dizem
quando por anos depois de outros anos
sempre setembro esparramava aos ventos
por todos os cantos, por todas as casas,
o cheiro solidário de um fogo interminável
de queimadas entre alqueires de campos sem cercas.

Cidade de Goiás
29 de dezembro de 1981

a cidade a quem chega

Há uma Goiás
de eu se sabe
o nome e a história
como num livro,
como num pote.
Como guardados
em estante baixa
de casa antiga
ao alcance fácil
das mãos, dos olhos.

Há uma Goiás
de almanaque
de fim-de-ano,
que se oferece
em lances claros
de folhas soltas,
como se um guia
que se postando
em cada esquina
ali contasse
como quem lembra
dos rios, das ruas.

Há uma Goiás
como um cristal
que claramente
se transparece
de cristalina
e de diamante
(que nunca houve
por esses rios).

Transparecida
Essa cidade
De pedra e adobe
se entrega fácil
ao tato estranho
da mão do outro
e se abre nua
e se dá, viva.

Há uma Goiás
que de seus anos
lança editais
e faz proclamas
e confidências
de um tempo raro
(bom para teses)
ao ouvido atento
de qualquer gente
vinda de quando
que chegue e fique.

Há uma Goiás
de pão de queijo
bolo de arroz
e sacramentos
que de si mesma
conta mais casos
que um anuário.
Uma cidade
que os seus degredos
narra e relembra
conta e reconta
tão coralina
tão de repente
até que a alma
até que a mente
guarde pra sempre
os seus silêncios
e, dentro deles,
os seus segredos.

A cadeia, hoje museu

São tão grossas as grades
e não guardam nada.
E encerram na cidade
suas próprias memórias.
Essas portas lavradas
em cerne de aroeira
escondem do povo
a poeira de outros povos.
Essas salas hoje abertas
protegem dos olhos
os guardados de ontem:
espadas e lenços, cálices,
cruzes, bateias e ostensórios.
Essas barras de ferro
Guardam das janelas
Uma cidade arrasada.
E por isso, como os presos
as velhas arcas e as frases feitas,
tudo, nessa prisão-museu
está vivo e murmura
palavras que agora
ouvido algum de quem ouve
escuta ou entende.

Brasília, caminhos de sair

(para Hugo, um de lá)

Brasília é bom nos caminhos de sair:
setas, estradas, vias, traços finos
sinais entre trilhas que costuram
seus mundos fora no cerrado, no sertão.
Ou os vãos em volta da cidade sitiada
entre ruas e verdes do horizonte.
Brasília é bom em riachos de entre grotas:
corguinhos d'água, vertentes, fios de prata
do sem-fim das planuras que a cidade
fotografa e retoca o ano inteiro
entre secas de julho e águas de janeiro.
É bom Brasília nos caminhos tardos
da terra que sobrou aos camponeses.
É bom no seu trabalho, longa espera
de que um deus frutifique a roça e o pasto.
Jeitos de amanhos que salvam a cidade
(entre edifícios, patrões e burocratas)
de se perder inteira e de uma vez.

Brasília (saindo)

27 de janeiro de 1982

algumas chuvas, caminhos

Cai duas vezes sempre quando cai
a chuva e seu quinhão de águas
quando sobre as ruas e pedras de Goiás.
Caem primeiro de pé as suas gotas
como fazem as chuvas do cerrado
armadas de sandálias e de lanças
sobre telhados escuros, sobre tetos
tecidos de guardar da mesma chuva
antigas arcas roídas de ouro em pó.

Cai depois em sobre-rios, entre riachos,
ribeiros de momento, riachinhos
regos d'água, arroios de calçadas
escorregados de ruas rua abaixo entre
casebres, caibros, chãos de sobre-pedras.
E não carrega hoje a chuva, como outrora
o fino pó de ouros esquecidos
sobre folhas de capim do calçamento.

Carrega a chuva o corpo da água
e a sua alma de orvalho e pó da terra
na pendida vereda por chegar
à alta beira do rio, o rio Vermelho
de índios e padres, negros e paulistas.
E o rio acolhe a chuva e o que vem com ela,
folhas secas e sapos, e o arabesco
dos restos mal deixados a secar:
os guardados da vila agora gastos,
o que a cidade usa e joga fora após usar.

A cidade se pensa

Dizia:

*Aqui eu ensaio a minha sobra
o meu lento derramar de ao lado o rio.
Daqui exercito o meu destino
de fazer pontes e sobre o vão dos rios
e depois pensar com passar sobre eles
o difícil volteio de meu corpo.*

Dizia:

*Cortada entre veios de ouro fino,
entre regatos e recantos de areias
tenho um passar de anos que não pesa
mais do que o turvo peso desse agora.
Dessa mão carregada de recente,
de “novo”, de “moda” e do “de fora”:
o todo oposto do que eu fui e faço
a cada dia e sempre, a cada hora
na oficina das tintas de meus meses.*

Dizia:

*Carrego nas costas um deixar dos anos
Magra ceia, pobre mesa pois perdida
Na história antiga de meus becos.
Ali, onde não passa quem passeia
Fiquei protegida em meu silêncio.
Fiquei escondida em minha festa.
Fiquei em minha face mais acesa.*

*Aldeia de São José de Mossâmedes
(hoje sem a aldeia e sem o São José)*

lá, no meio da noite

Chegando cedo, quem chega
não lhe acorda, acordou antes.
Quem chega mais cedo, chega
quando acordada, levanta.

Quem aqui cedo chegasse
saberia certo o passo,
mas chegando noite a meio
é como se não chegasse.

Quem se aponta pela tarde
encontra a igreja e seu largo.
Mas chegando noite a meio
é escuro o caminho, e passa.

Quem pela tarde se apressa
descobre da aldeia a face.
Mas vindo na noite, tardo
passa perdido e sem eira.

Quem ainda a claro aponta
avista a igreja de longe.
Mas chegando a noite antes
a aldeia inteira se esconde

e São José vira a ponte
de quem passa sem o pouso,
pois sequer lhe encontra o rosto
no escuro do espelho da noite.

O cemitério no pasto

Aqui são mais os pássaros
do que as manhãs de outono
os que acordam a pios
a ensaios de ponteios
o sono eterno dos vivos.
São os passarinhos do dia
empoleirados em cruces
mais do que os sons da noite
os que pela tarde embalam
os bailes dos mortos:
seu descanso de serem
perseguidos da sina
de estar vivo e esperar
o descaso da morte.

Com um salto fácil
o passante passa o muro
e sai fora do campo santo
a pastagens de verde
onde um gado gordo remoi
o seu resto de abril.
Um capim ainda verde
junto ao muro de pedra
que separa em setembro
em silêncio, ao sol posto
os mortos, de seus outros.

a surpresa do antigo*(Pirenópolis)*

Caminhar pela tarde em tal cidade
converte em cronista o viajante
quando ele vai passando em pedra antiga
calcada a pé de gente e ao pó do tempo.
Um tempo goiano como a manga
que passeia pelas ruas como um dono
ou como um outro imprevisto viajero
alheio e atento ao que faz com a cidade
quando pende sobre ela a sua sombra.

Quando deixa (o mesmo tempo) entre as casas
um certo cinza entre o azul e a nuvem
como quem pinta do rosto só as rugas.
Como um mudo testemunho de outros corpos
vagando por a[í], pincel em punho
entre casas e muros de pedra, entre degredos
entre vasos e vazios dados ao arquivo
dos anos, o mesmo e sempre,
o tempo e o seu estranho sacerdócio
de envelhecer os devotos e as igrejas.

E, entanto, deixa-los, homens, entre os vivos
entre os vividos passos de passantes
como você ou eu, cúmplices desse
lento ver mudarem as coisas e os anjos.
E então sonhar que sejam, como a morte,
eternas sem morrer, sem deixar de serem hoje
como ontem, como agora, como sempre,
pensadas e esquecidas entre as noites.
Entre as noites sem termo de seus anos.

no monte erguida

(Diolândia, distrito de Itapuranga)

Subiu nesse monte, coisa rara
nessa terra de planos estendidos.
Subiu no monte e pôs em sobre serra
a sua noite escura, inacendida.

Subindo a serra assim pensava:
*essa alta guarida me expõe aos ventos
mas me protege de ser, como outras tantas
perdidas no agulheiro da planura,
povoados nos seus planos, cidadelas
deixadas a seus recursos e atingidas
de todo o canto ou de qualquer rumo
cidades entreabertas, desvalidas.*

*Aqui não! Por sobre o monte e a noite
um povoado dorme e acorda nesse lida
de se pensar tão alto, tão oferta,
e se sentir no alto como Ícaro
E se saber no monte protegida.*

povoados camponeses
(Abadia de Goiás)

Este não é um lugar de reis:
não são nomeados, não existem.
Se algum houvesse, quem entre
esses homens rudes acostumados
a reis de Natal e a reis de Negros
curvaria ante a sua coroa
a sua frente?

semeada entre pedras

No fim de um caminho “das minas”,
sem outros caminhos de Minas
diamantes e sempre-vivas
é tudo o que dá Diamantina.
Não há vagantes aqui,
não há fantasmas. Se houvesse
a cidade os convocaria,
tristes errantes do escuro
funcionários do turismo
que pela noite errariam
em balcões e esquinas
desses chãos de pedra fina.
Chãos de pedra dura ao trato
de cereais e hortaliças
onde crescem em orfanatos
e roças de enfermaria
moitas de plantas esquiadas.
Mas não há flores mais claras
(cantam aqui seresteiros
do amor de moças, meninas)
do que as que nascem nos campos
das antigas noites frias,
as noites brancas de estrelas
dos julhos de Diamantina.

Diamantina

20 de setembro de 1981

nas ruelas abaixo*(Diamantina)*

e um pouco mais no fundo, mais ainda
nas descidas das ruas rua abaixo
no aconchego barreado do cortejo
de casas sem grades e sem muros
e ruelas ainda sem placas, sem um nome,
descobrir aqui em Diamantina
os pequenos santos vivos e plurais.
Os homens sem dentes e gravatas
mulheres de escura pele áspera
que a cidade de turistas multiplica
nos lugares ausentes de editais,
nos recantos entre lama e folhas secas
cisternas e roseiras de jardim,
poças de água parda e musgo verde
entre a ordem antiga das cozinhas
e a algazarra mineira dos quintais.

objetos, pedaços
(Ibirité)

Por aqui a vida de Minas é nua e crua
sobre terrenos abertos na pele dos morros
um dia verdes dos sertões de dentro
e agora rasgados e polidos a fio de faca dos tratores
e depois aplainados à custa de força e geometria:
tabuleiros rasos e chãos de casas magras
sem telhados e com os tijolos sem reboco.
Por aqui uma vida pobre se entrega avara
e o casario que cobre o fio de terra roxa
são remendos de pedaços ruins e sobras.
Por aqui os jardins não existem ainda e nunca
e nem há praças velhas onde o coreto divide
o sábado entre os passarinhos e as retretas.
Aqui as crianças aprendem acatar nos rios da chuva
os restos do que sobrou em alguma casa acima.
Catam o que desce a corrente rua abaixo e fazem disso
os sonhos e os brinquedos das tardes e domingos:
latas de cerveja viram carrinhos coloridos
e caminhões foram um dia garrafas de plástico.
Pedaços de madeira, seixos de tijolos restos de lixo
constroem aqui pequenas cidades de mentira e magia.
Eis que os meninos das ruas empilham a pilhagem
recolhida dos restos da vida e das enchentes.
No barro macio da manhã constroem casas
onde uma vida mais real pudesse ser pensada.
Onde uma vida sem medos pudesse ser vivida
sem os medos da vida dos sonhos de um menino.

O coração do homem

Como aqui não há outeiros ou igrejas de outros tempos
E nem casas de pedras cobertas com a aura do mofo,
e como aqui, longe de Ouro Preto, não há mártires
e nem vultos de quem a história guarde o nome e uma frase,
e como aqui nem houve um santo que desse ao lugar uma capela
e uma romaria de maio aos devotos de estradas distantes,
como aqui nem há becos ou ruas de pedras antigas
e nem sequer o registro fácil das lendas
dos tempos de senhores e escravos fugidos,
e como nunca casa algum foi um dia transformada em museu,
Ah, viajantes! Deixai que nesse lugar ermo do mapa de Minas
as pessoas da rua, sem nome e sem gravata
e com o coração à espera da novela das oito
sejam tudo o que de grande para ver e festejar
entre esses campos verdes até abril todos os anos
e cobertos de sinais do trabalho de mãos na terra.

lugares vazios

Tenho como as outras mil uma estação de adobe, antiga
e os trens de Minas passam por ela e não param mais.
De noite eu os chamo à minha festa de noiva e acendo luzes
e espero quem venha. Pois não há nada aqui em nome de quem
às sete horas, depois do pôr-do-sol uma cidade
anseie o seu lento trem mineiro de cada dia.
Há vilas em Minas onde nas horas incertas
dos vãos sombrios e frios da madrugada
um trem vindo de longe, para ali por um momento
e sem pressa troca mineiros por mineiros.
Mas, por aqui eles passam e apenas passam
carregados de sono, de horários e minérios.
Passam tão depressa que nem os cães e nem os bêbados
levantam as cabeças para ver quem vem de longe.
E não há, saibam, coisa alguma mais triste
do que uma cidade semeada em chão mineiro
a quem é indiferente o trem e o seu passar.

cidade sem praça

Não espanta saber que haja alma
de mortos perdidos vagando no sertão.
Espanta saber que possa haver alguma
A vagar sem coração.

Como pode pois uma cidade
existir sem ser à volta de uma praça
e o eu clarão?

De que matéria viva pode ser a cidade
sem o centro do mundo que lhe dão
a praça, a igreja, os mendigos e os pardais?

Sem o ao redor do que fazer-se à volta
de uma praça aberta aos mundos longe
entre manhãs de domingo após a missa
e o sem rumo dessa Minas dos Gerais?

ofício de plantar

Todos os outros ofícios dos milênios
mesclam a matéria da terra com partes mortas de seus frutos
e disso fabricam o testamento dos bens do homem:
o tijolo de barro, a roda de aço, a mesa de madeira.
Só o teu ofício mistura à terra a própria terra
e atira nela o grão vivo que morre e renasce
em multiplicações do próprio fruto.
Por isso os ofícios dos outros são artes de ciência,
alquimias aprendidas nos porões dos magos do norte
que transformam nos fornos e bigornas dos senhores da terra
os metais do mundo. Mas o teu é o único exercício humano
que recria da vida a própria vida molhada de janeiro.
E os senhores sabem que fazer a vida brotar do silêncio
do orvalho e do trabalho é terrível,
porque a vida persegue os poderes e as armas
e ameaça o passo dos guerreiros errantes.
Por isso fazes artes de profeta e és um sábio anunciador.
Por isso os grandes te vigiam de perto e te fazem servo
e te tomam por maldito, condenado a viver fora do castelo.
Por isso contra ti lançam exércitos e juízes de toga.
Por isso te temem pelas gerações e fazem de ti -
sagrado como um caminho de terra molhado entre duas pontes -
um exilado outra vez expulso da terra que trabalhas.

24 de janeiro de 1982
Santa Luzia – Goiás

o semeador

A noite não demora na morada do escuro,
ela anseia o claro alvorecer da manhã.
Estava o semeador de auroras
sulcando a aragem da terra
com riscos de um fio invisível
que somente tecem e sabem tecer
as mãos hábeis dos rituais do amanhecer.
E alvorava o dia de ele trabalhar a terra
na suave equação que de grão em grão movia
a misteriosa arquitetura do universo.
Ali, como se a história das coisas e dos homens
a cada dia nascesse de novo desse gesto ancestral,
pois todas as coisas são o que o homem planta
e cultura é o nome dado ao que ele colhe e canta
enquanto corta a braçada de cereais.
Estava o semeador do oitavo dia
dizendo um a um os seus nomes aos frutos que iam nascer.
E como quem dá o nome dá a vida,
pronunciava sussurros de um rito sagrado,
como um mago vestido do branco alvo da neblina.
Não como um lavrador de três alqueires.

28 de junho de 1977
Santa Luzia, Goiás

algumas tarefas comuns

Amassar a massa irmã da terra
no oco do pilão da mão.
Quebrar à força a trama de aço
que existe num torrão de terra dura.
No céu do chão traçar o risco
fundo que há no rio azul do sulco.
Recolher da sacola do semeador
depois, aos punhados, a semente
e espalhar pelo rastro da canção da chuva
o milagre do grão e a cor de sua alvura.

13 de maio de 1979
Goiânia

O canto do trabalho

Antes do mutirão na antiga aldeia
de São José de Mossâmedes
os homens da terra chegaram com a madrugada
cantando com violas e violões o canto da “traição”
na porta da casa do lavrador, vizinho e compadre.
Depois da manhã, durante todo o tempo do trabalho coletivo
de limpa do campo atrasado para o plantio do grão de arroz
havia gritos de avisos e troças de uns para os outros.
E havia longos momentos cheios da luz dos cantares do eito,
quando parece que a voz de todos aumenta o poder do braço
sobre a enxada e a terra vermelha do cerrado
inventava ser mais macia quando os homens lavram
cantando no seu corpo.
No fim da tarde, quando o trabalho da limpa acabara
e o campo ficou pronto para o sono da semente,
os homens do adjutório voltaram de novo para “casa do dono”
com as cabaças de água vazias
e os instrumentos da roça nos ombros.
Voltavam juntos cantando canções do trabalho,
músicas de uma memória antiga que se canta só naquela hora.
Num gesto cheio de flores do campo e de rituais
os homens do trabalho devolveram o “dono do serviço”
à “dona da casa”, e beberam nos mesmos copos a pinga do alambique.
Depois da janta de arroz-com-pequi e carne de leitoa
formaram na sala do rancho as duas filas da catira
e cantaram e dançaram noite adentro
batendo palmas e sapateando a alegria da hora.

Quem passasse apressado na estrada poderia dizer:
só o povo canta assim o seu trabalho,
só o povo canta durante o trabalho,
só o povo festeja o trabalho coletivo e canta depois dele.
Porque ele não perdeu ainda a força ancestral
de conviver com os fluidos da terra,
e só ele faz e refaz o rito sagrado de arrancar dela,
mais do que os frutos da terra, a doce amêndoa do trabalho solidário.
E somente os ritos naturais do homem ao criar a vida
merecem cantos coletivos de louvor e de esperança:
antes, durante e depois.

o semeador meeiro

os cristais polidos
dos grãos de arroz
escondem a história
das trocas do semear
e as leis do esforço
de quem semeou.

Inventa mentiras
à mesa do jantar
essa massa branca
e branda na boca,
sobre o ardor do duro
fazer fundo o sulco
e plantar como servo
pelo chão o resto
do pouco que sobrou.

Diamante múltiplo,
muitas vezes único,
furta o arroz no saco
do papel de celofane
a memória da colheita
feita em “trato à meia”.

Jóia fina á venda em feira,
objeto raro de relojoeiro
o grão polido e lapidado
do colar das contas do arroz
nada conta do que seja a sina
de semear o grão em terra alheia.

São Félix do Araguaia
15 de maio de 1978

voltar do trabalho

Exilados da luz do dia - já é noite
e o vozerio das estrelas invadiu o céu do outono -
de novo juntos na margem esquerda da estrada
os camponeses de junho refazem o mapa de volta.
Ei-los. Carregam no vão macio dos ombros
o bastão da enxada que na ponta pendura a cabaça vazia
da água, pequena primavera no dia de trabalho.
Carregam o peso desse dia e por isso arquejam o corpo
mesmo quando não é mais preciso, porque o ofício de andar
descansa o dorso na curvatura a que obriga o de carpir.
Os mais ágeis livram os dedos
e com os artefatos dos primeiros caipiras
fazem pelo caminho a arquitetura sábia, mais que a álgebra
de um cigarro de fumo goiano e palha de milho.
Entre o cantochão dos sapos na beira dos brejos
e a orquestra de flautas de grilos e cigarras
esses homens não cantam e apenas abandonam aos pés
a música dos cantos de voltar. Viajeiros do outono.

situações de plantar e colher*uma*

o jeito goiano de colher com a mão
o que o mato dá sem mágoa
e o cerrado sem cobrar:
pequi, caju, mangaba, madeira, mel de abelha
dados de graça, catados com a mão cheia
dos repentis de amor da natureza
que não cabem no arrendo nem na meia
e não põem placa de “vende” na parede.

outra

a lei paulista de plantar com o arado
o que a roça dá com avareza
e o dono cobra à vista:
milho, feijão, arroz, soja e aguardente
“dados” em fero trato feito à meia
sob o dedo do poder do fazendeiro
que engorda às custas do trabalho alheio
em casa grande de fazenda e tulha cheia.

*São José de Mossâmedes
5 de janeiro de 1982*

o ofício do fiar

(em quatro lances de linha)

um

o tecido que velhas mulheres fazem, fiandeiras de um saber arcaico cuja origem ninguém pergunta. A urdidura que torna em pano a polpa branca enovelada do algodão. A roca que as mulheres do sertão pronunciam “roda” e se faz rodar sem descanso desde a madrugada sob o compasso binário do pé da anciã.

dois

não há arabesco mais ágil que o do desenho dos movimentos das pontas dos dedos da mulher fiandeira. E que outro ser de todos os continentes torna mais útil os jogos da manhã do que a fiandeira tecelã? Aqui é onde o ruído da roda a rodar enovela os fios vegetais da fibra que alguma manhã de maio colheu há um ano. Falo da arte e do amor.

três

penso na estima que se devem ter esses corpos frágeis de louça viva. Mulheres a quem alguma doença do sertão sempre torna débil, e que se tocam com carícias de comadres sem apertos e beijos no rosto, quando antes do trabalho se encontram e se abraçam quase com medo do que fazem. Sinais de carinhos vestidos de silêncios. Falo da estima. Falo de uma qualidade de amor que entre si têm as pessoas da terra e certas espécies vegetais com que convivem por milênios de gerações.

quatro

que bailado é mais rude entre as danças de roça do que esse baile diurno: solo que a fiandeira faz com o só compasso dos tambores do tear e as flautas finas das lançadeiras do fio de algodão? Dança que ela própria toca no órgão de que o pé é maestro sobre os dois paus das pisadeiras. E move a tecelã o corpo com a precisão de uma tropa de soldados, enquanto os braços jogam de um lado para o outro, no mesmo compasso binário que rege todo o ofício, a embarcação da lançadeira. Barco que faz viajar sob o tecido em que a trama na dança faz o fio de linha fina de algodão.

Falo de ritos do amor e do trabalho nos sertões de Goiás.

Goiânia

26 de janeiro de 1981

três instrumentos de lavrar*o machado*

nada há mais certo
do que o golpe
desse parceiro da morte.

o arado

de tanto escavar os veios da terra
e polir entre os seus ossos minerais
o seu aço, brilha sob o sol de março
a sua lâmina - vela de sulcar.
é seu o ofício de navegante de um mar
onde o barco faz o rumo e a onda,
marola que lhe afia o fio da proa
apontada sempre para o lado do campo
onde o porto da noite vai chegar.

a ceifadeira

a luz da estrela mais próxima
brilha no fio dessa arma cortadeira.
Na mão ágil do ceifador de arroz
a lâmina recurva corta e recorta
e no curvo do aço que lhe dá o ofício
arranca aos punhados, quando vai e volta,
o buquê dourado da flor do grão do arroz.

Goiânia

2 de março de 1981

figuras na sombra do dia

Com o corpo por igual curvado
forçam o fio da enxada e escavam o chão.
Com a curvatura que dá ao corpo enfim
a figura de um arco tenso,
instrumento de carne e nervos adestrado ao trabalho
fazem cantar a música da matraca.
Ela atira punhados de grãos de milho
a distâncias regulares no sulco,
trilha que uma noite antes
o arado puxado por dois burros
riscou na folha do mapa da lavoura:
desenho que o lavrador faz de memória
de tanto traçar e apagar a mesma tela.
Com as duas mãos polidas de tanto fazer
o ofício de lavrar, cheias dos sulcos
do arado na carne,
o lavrador prepara outro ano do sono da terra.
Embora haja ali sinais de um coito
nada há que na boca da noite
sinalize qualquer espanto de prazer.

a consciência de classe

Enquanto lavrava a golpes
de machado o poste de aroeira
o negro lenhador chamado Berto,
nascido no Faina, perto de Cavalo Queimado,
apontava com o dedo o dono
ao longe na serraria e dizia assim:
camisa dele quem dá é o meu trabalho.
Diz-se no Faina que o machado de Berto
é o mais afiado e certo do lugar.
E a fala do negro, também.

Cidade de Goiás
3 de junho de 1979

festas de colheita

Rasguei o calendário. Não sou homem que conte os dias do campo correndo com a ponta dos dedos a fila dos números. Olho as estrelas. A variação da luz do cosmos e a posição de alguns astros na nave do céu me diz a era dos meses. Meu tempo são as estações, sou um homem de lavrar.

Duas vezes por ano chego à janela e digo aos da aldeia: celebrai aos ventos as vinhas de outubro! preparai o corte dos instrumentos de ceifar! celebrai, digo, as chuvas do verão e os frios do inverno! A cada tempo a sua festa, mesmo quando há fome. Há um tempo de vesti-las de lã e aconchegá-las junto ao fogo. Do mesmo modo, digo aos da aldeia: com os mesmos gestos rituais não se pode celebrar o tempo em que sobre a pele do solo se ara o chão e aquele em que a ceifadeira corta o caule do arroz. Não há mês como abril, digo aos que colhem. As colheitas passaram e passou o tempo da quaresma. Celebrai, grito da janela, os cereais de março! Olhai os campos de pastagem! Vede os capins! Antes de serem todos os anos, desde o começo dos tempos, ao sol de maio e aos frios de julho secos e queimados o que há de mais belo do que a sua floração? Que roseiras sacodem no jardim dos ricos flores mais finas? Celebrai, digo aos que colhem, as sementes que jogam ao chão!

14 de junho de 1979

os brincos

A alegoria das coisas em que cremos
pende dos brincos por causa de quem
nossas mulheres e filhas furam as orelhas.
Quando é maio, com o dinheiro da venda dos bens da terra
compramos colares, cruzes e brincos de ouro,
Para que eles pendam como bandeiras, pequenas flâmulas,
sinais dourados esculpidos com pedras, rubis de brilho
na carne magra das mulheres do povoado.
Pela mesma razão penduramos também na parede de adobe
pintada a cal aguada dos ranchos que fazemos
e barreada de amor polido ao sol, e que cobrimos com capim
seco, colhido em maio, quadros de feira coloridos.
Caros quadros comprados em domingos de romarias.
Ali colocamos o retrato dos vivos e dos mortos:
os antepassados, seus filhos e os netos.
Da parede nossa gente nos olha, sagrada como os santos e deuses
pendurados por igual entre os nomes da família.
Por isso colamos cenas das folhinhas de armazéns
que ali ficam por gerações de anos e anos,
figuras ao vento nessas terras onde bandeiras que há
são as que viajam em janeiro e viajam em maio
à frente dos tropéus de foliões de Reis e do Divino.
Tantos seres e cores quantos caibam nos quadro da memória.
Tantos quantos caibam pendurados em paredes e corpos:
medalhas, brincos, panos dos três Reis, fotos de parentes,
virgens, santos, pretos de almanaque e senhores do céu.
Não somos como os ricos que comem á volta de mesas
e ali colocam velas e grandes jarros com flores.

Comemos em pratos de alumínio. Catamos com os dedos nas panelas de barro as porções do almoço e acorados à volta do fogão comemos na cozinha. Flores que colhemos no campo à volta do trabalho, ou no jardim roceiro que mistura vegetais de cheiro com as ervas antigas de onde tiramos a saúde, colocamos em pequenos vasos de porcelana barata debaixo do retrato dos ancestrais.

A eles fazemos nossas rezas, preces de ramalhetes que as filhas colhem para os santos e os mortos, seres que os ritos da memória tornam iguais e imortais.

Vivos e presentes, vestidos de lenços e roupas de festa, com os chapéus de domingo que tinham na cabeça e os olhos pregados na janela de tampos de madeira.

Vivos, tanto quanto nós.

5 de dezembro de 1981

o bendito de mesa

Pegar esse canto pelo braço. Erguer
essa reza pelo ponto do corpo mais difícil,
a parte mais acesa dos ofícios do rezar.
Envolver o Bendito na armação pura da voz.
Enovelar o fio das sete notas, seus bemóis,
com o aço do laço puro da fala e seus anzóis.
Cantá-lo só e desenvolvido sem violas
a oito lavradores do sertão.
A oito vozes diversas de goianos,
pássaros de um grave acento antigo.
Rezadores de Reis que com a mão
desfiam da mesa em volta à volta longe
de serras, campos e povoados,
o sagrado que se canta na oração.
Cantar o canto a plena pura voz,
a toda inteira vontade de cantar.
Como se acaso a voz, o canto e a prece
tomassem conta de mais de meia vida
dessa gente vida afóra usada e havida
no silêncio dos enredos do lavrar.

*São José de Mossâmedes
Em algum dia de algum janeiro*

Tempos de espera e de presépio

O primeiro

A alma tem disso no Advento:
Ela espera pelo anúncio de uma estrela
e o murmúrio do choro de um menino.
Deus - diziam os antigos -
é quem fica quando tudo foi embora.
Mas é muito para quem espera tanto
e um deus que nasce bem podia ser assim.
Pois dele eu quero um toque pequenino
do gesto com as mãos sem o milagre
e sem o brilho de uma estrela no Oriente,
Quero os passos de três velhos no deserto.
Quero um pouco de paz, um pouco, mas sem fim.
E o bem do amor, como um pão que se reparte
quando veio a noite e um fogo aceso
reúne em volta seis homens que se abraçam
e perguntam pelo nome, uns dos outros
e semeiam pelo campo pés de amora
e vão embora sem a espera de colher.

o segundo

O realejo da vida tem seus dias
e algumas vezes pensamos saltar deles
a outros mundos, não sei, a outra vida.
O trem parou na estação: eu fico aqui.
mas nem é ela: a vida. Somos nós, sou eu!
E em dezembro eu sento neste banco e lembro
e toco a mão no pulso e espreito a vinda: do que? De quem?
E a vida existe e me sinto: sou seu filho e espero
e sentando num banco de estação sou herói errante
e é quando alguém me diz:
para, escuta, é tempo de Advento
um deus, menino, você sabe? Sabe?
Há muito tempo... e ele se cala.
Cala e vai embora.

Algumas vezes sobramos de nós mesmos:
somos um e somos tantos e nem cabemos
nas contas de Vinícius de Moraes
e nem no vestuário vão do corpo.
E então ele aperta como a roupa de um outro.
Mas o que em nós olha e espia no horizonte
e diz, como um profeta: *quem vinha vai chegar!*
E cala e espera, e toma um vinho tinto
pois há mistérios que ditos perdem muito.
É quando pensamos: a alma existe
pois o que é de mim que há e sobra aqui?

E perguntamos, como um dia em Isaias:
vigia, vigia, o que é da noite?
E ele lê e responde (você lembra?)
A noite vem e vem também o dia!
Quem esperar, espere! É advento
e há um rio no Oriente e há um deus,
e um dia vai vir ali e beber água:
e esse é o milagre. Este é o milagre!
E ele vai dizer: *benditos os mansos, os pequenos.*
E o resto são mitos, como Lázaro.

Às vezes somos os desejo do silêncio, e só.
E então, quem canta em nós? Quem canta?
Quem rumoreja esse hinário de cantigas?
Esse desejo de cantar baixinho
a um menino que nasceu na noite
não sei se em Belém ou se em meus sonhos?

por três reis de folias

Foliões viageiros treze dias na estrada
entre casa e casa tocam viola e pandeiros
e cantam com seis vozes a notícia conhecida
da vinda de um menino: um hebreu, um alguém,
um carpinteiro, um messias ou um rei.
Foi tão longe, tão antes daqui.
E cantando versejam sobre homens e bois, anjos e pastores.
E levam violões, sacolas e palhaços.
Viajam sertões a cada ano com a nova da festa
na roça, na casa de alguém, no dia seis, em janeiro.
o morador de cada rancho recebe a folia
toma nas mãos a bandeira-guia e pela casa
de chão batido desfila bênçãos e pedidos.
Ali se canta e recanta de novo a notícia do menino
de um Belém aonde todos vão e ninguém foi.
Alguns choram pela casa, outros cantam
enquanto as mulheres coziam carne e arroz
e sonham os gestos de Marta e de Maria.
Os jovens palmeiam na sala uma catira
e as moças pendem brincos entre as tranças
e se lavam com água e erva doce.
as velhas se apinham e rezam contas de um rosário
entre benditos com lentos ritos de crença e poesia.

À volta da mesa e ao redor do terreiro
comem todos juntos a mesma comida
e entre todos os que comem e cantam trocam bênçãos.
solidários foliões de santos reis dos ermos do mundo
na vigília de uma velha história a noite inteira.
Afinal, se diz, um deus nasceu um dia
em alguma noite como aquela, longe e aqui
e um menino de novo sempre está nascendo.
Solenes e piedosos roceiros de Santos Reis
arautos de uma pequena e igual estória:
*Eles viram uma estrela, viram e vieram
e acharam na lapinha um menino.*
Uma estória de fadas entre tantas
com bichos e bruxas, magos e pastores.
Um casal e seu filho, uma promessa
entre trapos e o mugir de um boi.
E no silêncio de um canto um velho diz:
Meu avô me disse que foi assim, e assim foi!
Uma história real porque se canta e conta
e em nome de quem crianças ganham nomes
e treze noites no ano ganham cantos e comidas.
E se um dia foi assim como se canta,
Então lá no sertão como em Belém um dia
O inverno é de novo a primavera.

alguém, algum dia

Crer em quem partiu
e disse: eu vou voltar
e os dias passaram
e não voltou ainda.

sobre o amor solto nas ruas

(Goiânia, num sábado)

A mulher catava latas de cerveja.
Um fio de sangue, um corpo na calçada,
um cego cantava sambas na porta do bar.
Eles se beijavam como se fosse março
e um velho aos farrapos parecia Cristo.
Dois meninos dormiam em papelões
um bêbado pensava que era deus
e de um outro deus falava um crente.
Vendia doces e dizia: “é doce!”
Andava com muletas e sorria.
A tudo a natureza inunda de aves calmas.
Vagarosas no vôo como os velhos.
Sábias no que calam como às vezes as crianças.

Três pecadores dos rios de Goiás

Luis Palacin

Luis Palacin costumava
transformar-se quando n'água.
Exemplo: sendo espanhol
tirava o terno e a gravata.
Outro exemplo: mesmo padre
nunca esperava um milagre
nem permitia na pesca
novenas, preces, rosários.

Quando pesca joga na água
proposições demonstráveis
teorias controversas,
teoremas que propunha
aos peixes com quem lutava
entre equações que ele urdia
e contra o rio atirava.

Se o próprio Cristo dissesse:

Luis Palacin, lança a rede!

Com certeza na lançava.

E jesuíta, humilde

reverente e inquebrantável

a Jesus responderia:

Meu bom senhor me perdoe

mas quem pesca não quer graças.

Na vida, venha o milagre,

Na pesca só a charada:

Como esperar pelo peixe

E a sua carga de azares,

como entrar em luta armada

com anzóis, linhas e redes

contra efeitos previsíveis

(mesmo quando favoráveis)

contra o que rouba da pesca

sua magia quase exata.

Joel Pimentel

Para Joel Pimentel
pouco peixe é pesca boa
assim como muita pesca
é peixe pescado a toa.

O que na pescaria vale
é o ser da pesca pensado.
O que vale é o só pensar
a coisa-em-si e o seu ato

mesmo quando o peixe, raro
seja ainda demorado.
Ainda que o peixe, ralo
Não ocupe meio prato.

Pensador de vara e livro
pesca sem lances de anzol
e pescaria sem rio
e até sem o peixe, pescava.

Pois mesmo que volte à casa
sem nada – jornada fraca,
pesca e guarda na cabeça
a própria pesca pensada.

Modesto Gomes

Modesto Gomes não pesca.
Escreve sobre: relata.
Escreve “sobre” e, escrevendo,
pesca segredos de fada.

Quando pesca ele se amarra
não ao peixe, mas à pesca
ou nem à pesca, mas dela
o que se conta entre casos.

Modesto Gomes, cronista
quando pesca, pesca assuntos:
menos o peixe que o outro
falando da pesca a fundo.

pois mesmo que minta, é relato
e mesmo que invente, é fato.
e escritor, ele escreve
E a faz do ouve, o seu conto.

Não pesca, mas se pescasse
seu estranho peixe virava
mais do que o prato, a notícia,
melhor que a comida, o caso.

Riobaldo

(na beira de algum rio)

Me amuo e olho e vou.
No “de Janeiro”!
Eu perguntei quem era
No rio do Sono
Eu descobri quem sou?

Riobaldo

(na beira de outro)

De noite, sozinho
eu me desvisto
aqui na beira
Deste rio.
e de amor
eu tremo, mano.
Tremo de ânsia
e não de frio.

Diadorim

Um friozinho de triste
Essa noite entrou em mim.
Eu ia indo, nem fui.
Eu vinha vindo. Vim.

Bastião Bento*(folião de Santos Reis)*

De tão longe eu venho vindo
gente... e nem bem cheguei.
E nem sei se fui ou vim de lá.
Não sei se fui, não sei se andei
o tanto da promessa
que os meus de antanho
(Bentos como eu, de outros tempos)
me fizeram um dia.
Não sei se vim de lá, não se fui
nem sei o quanto do caminho
eu caminhei.
Mas cheguei vindo de longe
e cantei pra Santo Reis.
Cantei. Cantei!

dois sertanejos do Norte de Minas**Manuelzão**

(do Andrequicé)

A tralha pendurada
na parede. Guiei boiada
desde que era gente.
Alarguei sertões
com a minha tropa
e chamei trovões
com o meu repente:
eh boi! eh boi! eh boi!
Agora – velho – eu sei:
o melhor caminho,
mano, é o que já foi.

João Braço

(do Mendanha, beiras de Diamantina)

Lavrei diamante
uma vida e meia
todo o dia, inteira.
Ganhei essa pele suja
de uma cor escura
e esse sangue
na lama da peneira.

João Guimarães Rosa

Quando dizem: João”
digo Joões, Joães
pois pãos ou pães
é questão de opiniões.
Digo o pouco e o perto
(e o sertão sem fim)
conto estórias, causos.
Conto um conto e outro.
Eu, então: João.

Quando: “Guimarães”,
Digo Guima, guimba,
digo graças, rios
riachinhos, riachos,
digo Riobaldo
(e o sertão sem fim)
e embarco, baldo
na terceira margem
do meu rio de mim.

Quando dizem: “Rosa”,
digo eu: rosa (flor)
digo fora e afora
flor ou flores, flora.
digo de repente
o que diz a gente
do sertão sem fim
quando pega a viola
e vai indo embora.

Momento

Não fora de argila essa manhã
no forno que acende o sol do sul,
e nem cantasse na mata um urutau
e este riacho estreito e arrependido
de haver deixado o alto de seus montes
onde o nome de Deus se fala com três letras
e essa música a murmurar nos teus ouvidos
uma canção de amor e esquecimento,
essa música, ouve, que poderia ser de anjos
e é de água e de peixes, pedra e sonho.

Rosa dos Ventos
30 de dezembro 2003

a idade do ouro

O sol de outro dia molhado das águas de leste ilumina a fila de passos que fizemos a meio caminho longe, tanto que o grito da esposa à porta do rancho não alcança o lugar onde trabalhamos a terra. Em nome de que ser devemos portanto repetir três vezes por dia o dever da oração?

Houve um tempo em que o arfar do peito de nossa gente era o primeiro sinal do amanhecer. Os encontrareis semeados pelo campo com cruces de aroeira a um palmo do lugar da cabeça. Vinha o iluminador de outro dia molhado das águas de leste e os achava no eito, os velhos da raça de que somos. Somos uma gente digna, pois os homens e alguns deuses - até mesmo os dados aos prazeres e ao vinho - anunciam que o amanhã da terra é a dignidade do homem, e os símbolos e do que fazemos com a terra são temas de parábolas.

No entanto comemos em pratos de alumínio barato e as gerações que temos amassam com os pés nus a lama dos quintais, lugares de alquimias da vida, mais do que os dos sábios que comem do que colhemos e em troca ofertam estranhos pós e poções que tememos usar. As florestas que resistiam às primeiras caravanas nós as derrubamos com machados e grandes fogos cuja linha de ferreiros e bigornas dias e noites clareavam os serões de agosto a outubro. A selva era submetida ao temor da cultura e reduzida às cinzas que a chuva fazia serem a cada outubro o adubo da germinação da terra. Chamas da terra convertidas em verde. Os ossos da floresta reduzidos ao pó que misturamos com a semente dos cereais e com o trabalho transformamos em grãos infinitos.

Multiplicadas as notas de nosso padecer de povo pobre,
tornamos ritos de mortos algumas antigas canções de bodas
que tínhamos e gostávamos de ter, e que por muitos anos
foram toques alegres entre palmas e passos de sapateios.
Hoje são passos descalços dos que seguem a fila do cortejo
dos mortos, adormecidos em redes brancas de panos de algodão
e antes do outono recolhidos à mansão dos dormidos.
De uma geração à outra, como a poeira do chão
que o passar do tempo torna estéril,
contamos maiores os números dos nossos males:
nós, os homens ingênuos do amanhã da terra.

A primavera de uma era perdida, anterior à moeda,
e primeiro foi o tempo ancestral dos seres nus
que não plantavam nem colhiam e dos claros das matas
catavam frutas doces, mel e raízes boas para comer e curar.
E bebiam águas cristalinas de verdes rios sem donos.
Aquele foi o tempo de possuir os dons da vida
e conviver com vigílias de deuses,
forças do universo cheias de nomes e sinais
a quem a cada manhã os homens criavam outros nomes
e que a cada estação renasciam transformados em flores e grãos.
A pulsação da terra os nossos ancestrais sentiam
pondo o oco da mão direita sobre o coração.
A variação dos tempos: secas e chuvas, verões e primaveras,
eles adivinhavam acariciando o veludo da própria pele,
ou olhando o sinal do cosmos, seja entre as estrelas da noite,
seja dentro do brilho do céu dos olhos de alguém amado.
As estações do ano existiam na alma do homem
e os seus corpos vibravam em comum comoção com a tempestade
ou as noites em que a brisa mal move uma folha.
Colocar no corpo das mulheres fluídos brancos de vida
era tão diário quanto encher de água limpa
a concha das mãos e beber. E era tão sagrado.

Foi um tempo anterior ao arado
e os ritos dos moços celebravam formas de vida
que corriam livres entre as veias da tribo dos homens que fomos
e de agora não há mais do que sinais em grutas e montes:
sinais de uma memória que de acordo com os sonhos que tem
os velhos da aldeia avisam que viram e que existe.

Depois foi o tempo de aprender a lavrar os campos.
E primeiro a terra foi de todos, os campos sem cercas
e as roças sem nomes. Os tipos de gados que tivemos
corriam livres entre terras em busca de aguadas.
Longe alguém bradava uma palavra de mesma crença comum,
e de casa em casa ela ia, viajeira do vento.
Os homens eram iguais, tinham em suas mãos os mesmos sulcos,
E entre eles casavam filhos e filhas,
Pois todos sabiam os passos das mesmas danças.
Os senhores existiam longe, em terras cujos mapas
sequer sabíamos pronunciar. Eram raros os comércios com os maus
e por isso se podia pensar que a Terra era plana e parada no ar.
E por isso por toda a parte se sabia crer que os mortos
voltariam um dia ao mundo e seriam crianças como foram.

Essa foi uma era perdida, primeiro dos dias,
depois, da memória dos homens. Sobraram alguns mitos e ritos
que às vezes contamos e festejamos em noites de junho.

Ouro Preto
18 de janeiro de 1980

nomes, mortes

Muitas mortes há.

E o doce manto da noite estendido sobre os fogos do dia não as oculta. A algumas podemos resistir com o ofício ancestral de nossas armas naturais: arados, foices e violas. São os nomes das mortes da fome que quando somos livres não resistem seis dias ao poder do trabalho e da terra. A essas mortes queimamos aos sábados em fornos de barro de onde as mulheres retiram tabuleiros de pão.

Muitas mortes há.

E mesmo a brisa na madrugada vinda, a que dobra tênue o tecido da noite nas as espalha. Para outras são exigidos os usos dos terços e rosários que as velhas da aldeia desfiam entre os dedos.

Preces que fazem a seres que não vemos,
mas que estão lá, porque as velhas que sabem dizem que estão.
Outras não enfrentam o poder dos magos que temos,
Homens que dançam e a quem obedecem as estrelas.
Os que salvam dos terrores do oculto as tribos de quem somos.

Muitas mortes há.

E até o sol que desvela os poderes de fogo
e os nomes de inverno dos seres do mundo, não as decifra.
Porque há mortes com um nome desconhecido.
Mortes com o nome oculto dos segredos que os sábios
que temos nos contaram. Por isso essas mortes nos matam
e pelos cantos da aldeia catam nossos filhos.
São mortes que chegam de fora e aterrados perguntamos:
como vencer os poderes do que não sabemos nomear?

Cidade de Goiás

13 de fevereiro de 1979

o primeiro dia

E viriam vindos de um país de amêndoas
e línguas sem o “ele” e sem o “eme”,
homens ágeis e alegres como em festa.

E virão cantando e dizendo: “cantem”.

E soprarão flautas e tocarão tambores
e entre danças de abril dirão do Sol:

*Ele não é Deus, mas como um deus seria
e por isso temos nos corpos sóis e bailamos nus,
e a mão esquerda temos tingida de azul real
e a direita de lilás e carmesim.*

Do que aprenderam e sabem virão dizer:

nada viemos ensinar pois destas coisas

cada um aprende com o vento o seu quinhão.

Temos apenas estas danças e dançamos

com os pés no chão do orvalho e da aurora.

Não somos anjos, não anunciamos o futuro

e somos seres de carne e de sopro e barro:

nós, os que viemos de longe para dizer com danças

que há tempo ainda e o tempo é sempre agora.

O silêncio

Guardo para te dizer um dia
quando chover de novo no sertão
a palavra nunca dita.
No silêncio semeio o seu segredo
e me revelo a ti de não saber, eu mesmo
o que tenho a te dizer e calo ainda
até quando chover de novo no sertão.

a tarde, a noite

escuta: os tardos bois da tarde
amanham grãos de março
e sobre um monte onde há vozes
voam três aves e anoitece.
O escuro cai e faz frio.
Troveja longe e um raio rasga um véu
feito de orvalho e sonhos de menino.
Há uma lembrança ontem esquecida
de ser lembrada pra sempre nesta noite,
e sobre o corpo do campo
algo de um rosto paira
como a pessoa de um morto.
A foice cortava ontem
o que não é prado nem festa
no alqueire verde do chão.
Não há um sino que toque
nesses ermos de sertão,
mas às seis horas da tarde
algumas mulheres velhas
cessam ofícios de fogão
e abraçam não sei que nome
como o de um filho ou de um deus.
A noite cai onde quer
e para florirem os ipês
com cores de alma e sombra
a lua e as estrelas esperam
fogões apagados, cinzas
e o sono das chaminés.

*Pretos de Baixo – Joanópolis, na Mantiqueira
fevereiro de 1993*

Beira rio

Minha alma, meu silêncio,
caminhas agora na areia
como na beira de um rio verde
e vou contigo e te guio, passo a passo.
E choveu e ventou e agora há o sol
De pés de ipês e ouros do sertão
e juntos estamos aqui, como num barco
e sem saber para onde, navegamos.

ir, tão longe

Já pelo seu outono ele viajou
a uma imensa mansidão.
E assim ancorou no porto de sua casa,
à volta da espera, e navegou a sua mão
como quem contorna um golfo.
E todas as manhãs atravessava mares
indo do quarto ao escritório,
a janela aberta a verdes ermos.
Onde começa? Ele pensa.
Onde termina? Ele responde e vai
como quem viaja de uma ilha
a uma outra, longe.

Fazer a manhã

Sete horas de então e agora é nunca
pela última vez antes do fim de tudo.
A vida é como um copo de água fresca
de uma moringa vinda dos avós.
Sete horas e uma manhã de sapos mortos
para que de longe se espante o viajante
e volte pela trilha de onde veio.
A colheita do chão da madrugada:
uma quarta de peixes de evangelho
e a promessa de mais, de mais ainda
quando o dia de amanhã enfim chegar.

Brasília

voltar

Alguma coisa havia de uma ida e um segredo
que não se acha e vai, e arranha dentro.
Algo que enlaça palavras e cava fundos poços.
Um caminho, não se sabe. Uma armadilha
ou algo que contra tudo se lança e contra todos,
como à noite fazem os prisioneiros
encostados na parede e uns nos outros
contra o terror sem fim dos calabouços.

nem pão, nem flor*(outro, diverso)*

Nada tenho que te dê:

nem pão nem flor.

E esse agosto de um sertão ao longe

nos devolve, amiga, a dor

de havermos saído do silêncio

sem saber cantar a deus e à flor.

Mas se uma estranha memória me devolve o mar

de onde eu vim, lá onde eu fui nascido

não sei porque estas margaridas de julho

não floriram ainda, e nem porque

o que antes havia há ainda agora e silencia.

Não sei, não somos e o silêncio sabe

sem ser no entanto nada, agora e antes.

Lemos palavras que outros escreveram

aqui, neste livro velho de provérbios.

Soletramos vogais, mas bem sabemos

que a vida escapa sempre desses signos

e fechado o livro, nós é que esquecemos

o que houve e quem foi, agora em agosto.

inventário

Seco, sem ares e vivo de vida
o que é igual ao que não era azul
e no escuro do escuro do que existe
cresce no altar do tempo a ara do tempo
e sobre o solo da alma a água apruma
o seu se ir de rio em rio caminho afora
como essas águas de maio no sertão.
E é tarde e chove e cai um raio, e um outro
acende o céu e o céu aclara a noite clara
e é cada estrela como a espera de outra
e o sol da luz lembra ao olhar do homem
que uma vela só clareia o mundo inteiro.

Noites há

Noites não há tão claras
(contam e cantam os de lá)
como as de Lua Cheia no alto dos altos
da igreja de Santa Bárbara em Vila Boa de Goiás.
Mas (se diz também), não existe no mundo
Aquém e além desses fundos de Goiás
Noite mais escura do que a da Lua Nova por ali.
Sabedoria sé saber subir o morro
Na noite de Lua Cheia, e na da outra
Para do alto espiar o esconso de beleza
Que há no claro da noite. E no escuro.

Cidade de Goiás
Setembro de 1980
(Lua Cheia)

como se*(para Maria Alice)*

Talvez porque a tarde de junho fosse como sempre,
mas uma certa coloração, de resto, bem usual,
Entre o laranja, o lilás e o vermelho claro
Desse ao crepúsculo alguns acentos de almanaque,
ou talvez porque inadvertidamente então
o canto de alguns pássaros dados como extintos
soletrou de repente e ao puro acaso notas de música
Que os ouvidos juram haver esquecido,
talvez apenas porque o julgamento dos mortos
sobre os gestos ruins e bons dos vivos
pareceu por um momento adiado para outubro,
talvez porque... bem, porque é tarde
e o canto das aves e aquela inaprendida sensação
de que é possível arrancar flores do jardim
sem o juízo implacável dos avós,
então, pela beira dos campos aqui em Goiás
tomei as suas mãos, amada minha
e vinte e dois anos depois de um dia em julho
eu as beijei com o olhar travesso e amoroso
do menino que fui há muito tempo
e que eu pensei haver morrido não sei quando.

*Campinas**1987*

milagre do fogo

parecem coisa tão rara
essas pedras no entanto gastas,
de que o povo da roça
arranca fogo e fumaça.
Com a ponta dos dedos
acende o fogo e sua coivara.
Quando ele incendeia o viver
de um só cigarro de palha.
Quando, acendendo, clareia
o seu quinhão de hora vaga.

caminhar

Dizia errante: caminhar sertões!
E sob os sapatos pretos calcava
pedaços do chão de pedra.
Andava, e de andar pensava ordenar
o mundo por onde ia e viajava.
Caminhava em linha reta
e no entanto ia e vinha, sinuoso
e meio perdido entre o que pensava
um homem entrelaçado entre palavras.
E caminhando descobriu um dia
que o chão por onde ia lhe salvava
de perder-se nas trilhas de si mesmo
e no emaranhado de poemas e teorias.
Com os pés na terra sonhava ser livre
do embaraço de sete ou oito gestos.
Filosofava assim: com os meus passos
desenho sobre o chão o meu caminho
e se caminho sei que eu ando e risco,
e essa é a certeza: viver e andar se rumo.
Sem rumo e sem desejo de chegar.

como a sombra

Como a sombra eras, como a sombra
E teu nome poderia ser de planta:
ipê, aroeira, araticum.
E da noite onde as sombras moram, vinhas
pois é noite ainda e a lua ausente brilha.
Brilha a lua, amiga, nessas terras secas de junho
e também na morada da memória.
Ouve, é noite e há apenas noite agora,
para que, vinda de longe
brilhe no sertão de agora,
vinda de ti essa luz imaginada.

outros, um dia, como nós

Não fomos os primeiros e nem os últimos.
Outros estiveram aqui, eis suas marcas.
A morte ronda ainda este lugar
e o nome do morto esquecido não se esquece.
Ele não é um mártir, vestia marrom e branco.
É um homem como nós apenas
e sobre ele soprem as velas, soprem as velas!

Lenda do sertão

Que essa moça, virgem
e de pele entre o ocre e o açafião
não coloque as duas mãos nos seios.
Isto ela faz a cada manhã quando o dia nasce
e é cedo. Não é cedo agora, ainda.
Que à tarde ela não escorra a água dos cabelos
sem antes ouvir dos velhos que já é tempo.
Quando ela faz assim o sol do dia anoitece
e a noite vem mais cedo, e é cedo ainda.
Que a dança da mãe lhe seja agora proibida
e que ela não pinte de azul a pele escura
e nem na cabeça coloque penas brancas
(um costume antigo de sua gente).
Tudo isso apressa a primavera e é cedo agora.
O sete-estrela e o caçador ainda não se avistam
ao pôr-do-sol nas beiras do Araguaia
e nem é a lua cheia de outubro.
Por isso, que ela não adoce o pão com mel,
sinal dado às almas que retornem
a esses rios de águas quentes. A essas praias.

Seis canções de tempo e vento
Para Carlos Fernando , em Goiás

uma

nesse enredo
o meu veleiro vai
e a minha alma
almeja o seu alento.
então amanhece
e a manhã cedo
é o meu quinhão
de brisa ao vento.
ali me vou, amigo:
vô e a passo vagaroso
viajo, e embora tardo
ando e sou o porto e a nave
e ao sofrimento oferto
a vida de quem fui,
e me acalento.

duas

ali, quando eu havia
velava o esquecimento.
foi um fluir, um só e um vôo
da viagem da volta da memória
e o seu momento é sempre
como o que vai do rio ao remo.
agora rego as flores na janela
e todo me envolvo de sereno.
vestido de mim mesmo soletro
o acaso e calo. calo e assim
a fala de onde eu vim, esqueço
e já não sei se sou,
ou se o vento.

três

há uma água de espera:
aqui é o vento!
aqui é onde eu me ancore
e o livramento do que busco
no vão do lado escuro
da vida – andante atento
recorda de quem fui e quando:
maré de outono e orvalho
e a flor dizendo como ao tempo
a poeira na casa da palavra
o segredo do sol em língua alheia
e o cerco de mil armado à volta
do sentido do ser do sentimento.

Quatro

do outono quando agosto
plantei e me alimento.
outrora havia a chuva
o fruto e o vento.
hoje, a manga amanhada
entre os meus dentes
e a saliva que eu cuspo
com a semente
são a minha obra: eu crio.
são o barco e a quilha
e a vela armada a meio vento.
a vela que nele sopra e sente
o movimento de meu corpo,
esse amoroso do mal do amor
e mais o gosto que ficou
do que, não feito ainda,
é amargo e amarga a mente.

cinco

matéria de devoto.
se há anjos saibam:
aqui é onde entreteço
este lamento
e ao sagrado digo
a sua ciência:
a alma tem um corpo
e vive nele e é bom,
e de panos o reveste.
vestido assim
de linho e seda
ele é o meu mal
e o meu desejo.
solto ao sul do vento
viaja este meu rosto,
esse alvoroço que dela
é o mar e o sentimento.

seis

não há porque negar
essa alma antiga.
de nada eu tinha medo,
nada ainda.
e nem tinha esse olhar,
esse olho atento.
eu não tinha essa pressa
e, de repente,
essa vela a queimar
acesa ao tempo.
esse saber eu não tinha:
sentinela, saibam,
de quem espreita
a solidão que chega
E um sofrer que cedo
vem com o vento.

*Rio de Janeiro
Outono de 1987*

a terra

Misteriosa senhora dos sentidos,
mãe mineral do ofício e do orgasmo.
Não lembrada quando é noite
e no entanto presente na lavoura do quarto
onde mulher e homem riscam na pele os arranhos do amor.
Ali se misturam no lavrar da carne os sucos dos corpos
entre sinais de gritos e gemidos de alegria e poder.
Irmã da vida, sobre o teu manto semeiam os homens
um grão e dele tiram as colheitas de março.
Ali pois deveriam amar. Sobre o chão deviam deitar o dorso
de homem e de mulher. Acaso somos outra coisa
senão o sumo do fruto do teu gozo?
Ventre da vida, mãe dos seres de quem somos
sobre quem o mistério tocou com o sopro do hálito,
úmido hálito denso de seiva e de sangue.
Orvalhada das noites dos milênios
e mil vezes mais velha do que os passos do homem,
que entre as palmas das duas mãos
ele tome a pele de teu corpo morno
e com ela toque o espelho de seu rosto.
E entre os sete sentidos reconheça
a espessura dos seus cristais de areia.
Eles são a oficina da origem de todos os domínios,
e sem o que os próprios anjos
e os deuses do mundo seriam inúteis.

11 de fevereiro de 1981

aos que vierem

Quando estes pequenos sinais
(marcas a lápis na margem dos livros)
forem algum dia achados ao acaso
eu terei ido embora daqui.
Virá alguém à biblioteca que foi minha
e abrirá distraído um livro entre tantos.
Ao folhear as páginas sem pressa,
em alguma folha setenta e quatro
encontrará uma pálida, uma quase apagada
escritura que eu rabisquei um dia.
Talvez nem a note, e será bom.
Ou, então, curioso, fugirá por um instante
do texto impresso em letras de um negro poder
e virá à margem ver os meus rabiscos.
Não saberá decifrar a minha letra ilegível
E nem por isto ficará menos sábio.
E fechará o livro e ao devolvê-lo à estante
Talvez pergunte: quem foi? quando?
E pode ser que a alma de meu espírito então responda:
Fui eu, mas esqueça. Eu esqueci.

Partir

(Cora Coralina)

Já não faz mais doces
E segredava: *sou doceira,*
a poesia é só o acaso.
Tinham pouco açúcar e eram doces
e esse, dizia, é o meu segredo.
Já não andava nas ruas da cidade:
as pedras cansavam os pés, eram aventuras
de antes, e do mundo bastava o seu quintal
de figos e mamões, milho e memórias.
Houve um tempo quando o rio Vermelho
tinha ouro e o sol e peixes e águas limpas.
Hoje, do que vale olhar pela janela?
Há dentro dos olhos uma paisagem, e é mais bela.
Já quase não escrevia, gastou o rol das rimas
e sonhava ser sábia em silêncio.
Quando um dia a morte veio, estava pronta
como quem tira do forno o doce,
apaga a vela, põe sobre o ombro o xale
e abre a porta e sai e vai embora.

A versão final deste livro foi completada, revista e dada como pronta, em 10 de junho de 2005, em algum lugar rural de Luziânia, em tempo de secas, poeiras, redemunhos e ipês roxos floridos na beira dos caminhos.

Este livro foi publicado no mesmo 2005 pela Editora da Universidade Católica de Goiás